

RELAÇÕES ENTRE ARTE E CIDADE A PARTIR DO ESPETÁCULO *PASSEIO NOTURNO*, DO GRUPO DE TEATRO *TIBANARÉ*

Airton de Lacerda Nascimento¹, Naiane Silva Gonçalves¹ e Maristela Carneiro¹

1. Programa de Pós-Graduação em Estudos em Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a relação das intervenções de arte pública com a ressignificação do espaço urbano, identificando paralelos entre ações realizadas e os princípios de cidade viva constantes nos escritos de Jacobs (2000). Nesse contexto, tem-se como foco de observação o caso do espetáculo *Passeio Noturno*, realizado pelo grupo de teatro *Tibanaré* no município de Cuiabá/MT em 2015.

Palavras-Chave: Cidade, Arte, Urbanismo, Ocupação e Manifestações Artísticas.

ABSTRACT

This research analyzes the relationship between public art interventions and the redefinition of urban space, identifying parallels between actions taken and the principles of the living city contained in the writings of Jacobs (2000). In this context, the focus of observation is the case of *Passeio Noturno* show, performed by the theater group *Tibanaré* in the municipality of Cuiabá/MT in 2015.

Keywords: City, Art, Urbanism, Occupation and Artistic Manifestations.

1. INTRODUÇÃO

Entende-se como cidade, conforme resume Richard Sennet (1998), “um assentamento humano no qual estranhos irão provavelmente se encontrar” (SENNETT, 1998, p. 58), no entanto a cidade é também um organismo mutante que passa por vários processos de desdobramentos e (des)construções (SANTANA, 2009), sendo que, cada vez, o conceito de Sennet tem se mostrado contraditório à realidade. Seja pela expansão das áreas urbanas, seja pelo crescimento da violência, seja pelo individualismo da sociedade atual, ou mesmo pela situação de isolamento social imposta pela atual pandemia de COVID-

19, os encontros e interações no espaço público urbano tem se tornado cada vez mais escassos. Assim, o crescente aceleração da vida cotidiana nas grandes cidades, faz com que os espaços públicos se tornem, cada vez mais, locais apenas de passagem.

Na contramão dessa tendência, o simples ato de caminhar pela cidade se mostra como uma importante forma de estabelecer relações com tudo ao longo da trajetória, na busca por significados e interações. Como Jacobs (2000) afirma, as ruas na cidade devem ter um atrativo para que as pessoas permaneçam e façam seu uso constante. Ela defende a composição de espaços mistos e multifuncionais, com programações em diferentes períodos do dia, capazes de dar ao ambiente urbano “vida”. Quando o espaço urbano dá razão para fazer seu uso, essa situação oferece segurança à cidade, visto que ao se utilizarem do espaço, moradores locais e passantes compõem um espaço vivo e diversificado.

Nesse sentido, as intervenções artísticas nas cidades, propõem deslocamentos estéticos que refletem sobre fragmentos do espaço social, arquitetônico, cultural e emocional (MENDES, 2012), resgatando a consciência coletiva quanto ao seu direito à cidade, e possibilidade de todos os cidadãos moradores de um entorno urbano terem acesso a bens e serviços de qualidade e oportunidades.

Maricato (2017) destaca a importância dos movimentos de criação e inovação protagonizados pelos jovens e artistas na cidade, resultando em experiências positivas a respeito de processo participativo com a finalidade de ressignificar o espaço público. Tais ações possibilitam o surgimento de novos agentes sociais, com intuito de questionar as condições em que se encontram os espaços públicos através de manifestações e apropriações de caráter artístico, político e urbanístico.

Partindo desses referenciais, o presente trabalho tem como recorte de estudo o espetáculo *Passeio Noturno*, performado pelo *Grupo Tibanaré* de teatro, em 2015, no município de Cuiabá/MT. Busca-se, através dessa observação, identificar características e procedimentos de construção da obra que estabeleçam relação com conceitos da vida com o urbano, em especial os princípios de cidade viva constantes nos escritos de Jacobs (2000), assim como registrar os eventuais resultados alcançados pela obra na requalificação dos espaços.

2. O CASO PASSEIO NOTURNO

Performada em 2015 no município de Cuiabá/MT, o *Passeio Noturno* é um espetáculo

de teatro itinerante desenvolvido pelo *Grupo Tibanaré*. O referido grupo possui atuação consolidada no cenário artístico do estado, focando-se no trabalho do ator e na sua relação com o espectador, assim como na criação de espetáculos para espaços não convencionais, sendo tal grupo dirigido pelo artista Jefferson Jarcem.

Jarcem (2021) comenta que, desde 2006, o grupo trabalha com as manifestações populares da baixada cuiabana, assumindo tais manifestações como potência nos seus processos criativos, tendo participado de diversas residências artísticas focadas nessas práticas, dentre elas as residências em siriri e cururu, em canto popular e em *lambadão* cuiabano, indo além dos seus estudos cotidianos em teatro, dança e circo.

A obra aqui estudada é resultado de uma longa vivência desses artistas na região do centro antigo da capital mato-grossense, a qual se iniciou por volta de 2011, a partir de provocação ao grupo, pela artista e pesquisadora Naine Terena através dos contos urbanos, coletados por Dunga Rodrigues, que estão presentes no centro histórico de Cuiabá. Em 2012 o grupo passou a realizar seus treinamentos no centro histórico, estando presente todas as semanas no local, até mais de uma vez por semana.

[...] a gente usava o conto como um fio condutor pra gente dialogar com a comunidade, mas, antes disso, a gente precisava mostrar para as pessoas que estavam lá que a gente queria ocupar em alguns espaços sem agredir a rotina deles. [...] a gente treinava das dezenove horas às vinte duas, então, por exemplo, às vinte e trinta a gente tinha que diminuir o volume da voz pois tinha um morador de rua dormindo e ele não gostava que a gente atrapalhava o horário dele de sono. Então, assim, era uma coisa da gente, de alguma maneira, aprender a rotina daquele local e aos poucos também trazer um pouquinho do que a gente era, porque a agente não ia sair de lá de uma hora pra outra. (JARCEM, 2021, vídeo 02)

O procedimento realizado buscava se afastar da ideia de invasão desse espaço, o qual, segundo Jarcem destaca, era ocupado por comerciantes, usuários de drogas, prostitutas, policiais, além dos moradores, sejam eles convencionais ou “não convencionais” - como ele define os moradores de rua. Buscava-se, acima de tudo, estabelecer conexões e afetos com os usuários e moradores do local, respeitando as particularidades de cada um desses agentes.

Tais princípios adotados vão ao encontro do que conceitua Kaye (2000) sobre obras artísticas do tipo *site-specific*, ou seja, “práticas nas quais, de uma maneira ou de outra, se articulam trocas entre o trabalho de arte e os lugares nos quais seus significados são definidos” (KAYE, 2000, apud GERVILLA, 2020). Seguindo o raciocínio, pode-se ainda afirmar que tal intervenção de arte pública, por si só, torna-se um vetor para ganho de

amabilidade urbana, equiparando-se as características de outros exemplos estudados por Fontes (2011), como descritas no trecho a seguir.

Por todo o dito, considero a intervenção de arte pública em si mesma uma componente de amabilidade, uma vez que a interação com o pedestre está na essência da intervenção *sitespecific*. Através da intervenção, é possível estabelecer uma rede de conexões entre pessoas [moradores e visitantes] e entre pessoas e espaço, sempre mediadas pela surpresa e pela potente imagem estética proporcionada pela intervenção. (FONTES, 2011, p. 182).

Como resultado do processo de construção, a peça teve uma primeira versão apresentada em 2014, na qual o itinerário era realizado todo em procissão, formada por artistas e espectadores, iniciando-se no calçadão da Galdino Pimentel e findando-se na Praça da República.



Figura 1. Embarque do público na Praça Bispo Dom José.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.



Figura 2. Igreja N. Sr.^a do Rosário e São Benedito vista do interior do ônibus.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.

Em 2015 a obra ganhou uma nova versão, como idealizada pelo grupo, propondo percorrer com os espectadores as ruas do centro antigo da capital, agora com apoio de um

ônibus turístico, partindo da Praça Bispo Dom José e percorrendo algumas das principais ruas e avenidas do centro, entre monumentos e edifícios históricos como a Igreja Nossa Sr.^a do Rosário e São Benedito, a Igreja Nosso Sr. dos Passos, o Cemitério da Piedade, a Igreja da Boa Morte, a Praça Alencastro, até chegar na Praça da República e Catedral Metropolitana de Cuiabá. O aparente passeio turístico apresentava em seu enredo ficcional um romance improvável, baseado nas lendas que permeiam aquelas vielas, em especial a lenda da Noiva de Branco, ou a noiva falecida que percorre as ruas atrás do seu amado.



Figura 3. Igreja Senhor do Passos vista do interior do ônibus.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.



Figura 4. Personagem Noiva de Branco adentra o ônibus.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.

Tal percurso era vencido pelo espectador de forma híbrida. Parte era realizada dentro do ônibus, com paradas estratégicas, enquanto se ouvia a personagem Seu Chico – o guia turístico - contar as lendas da região. Porém, a outra parte se desenvolvia a pé, efetivamente caminhando-se pelas ruas do centro histórico. Gandes (2018), produtora do *Grupo Tibanaré*, comenta a seguir.

A gente conseguiu trabalhar nessa perspectiva, né? De sustentabilidade e de movimentar a cadeia produtiva do teatro aqui em Cuiabá. Então, além da gente ter... além da gente conseguir trabalhar nessa perspectiva, a gente impactou muito positivamente o olhar dos moradores, dos cuiabanos pro centro histórico [...]. Desde a preparação, que a gente teve contato com os moradores de rua, que foi uma experiência muito gratificante pro grupo, que foi um aprendizado muito... muito satisfatório para os atores, até as entrevistas que a gente fez com os moradores para a construção do espetáculo e depois, no espetáculo em si, na apresentação, o olhar das pessoas para essa cidade, né? Pros monumentos, pras lendas, para cada bequinho que a gente passou, para cada canto que a gente ocupou. Então, o olhar das pessoas foi um olhar muito diferenciado, um olhar sobre uma outra perspectiva. (GANDES, 2018).

O espetáculo *Passeio Noturno* foi, em 2016, um dos finalistas do Prêmio Brasil Criativo, uma iniciativa da Projecthub, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo e a 3M. A temporada durou de 2015 a 2016, havendo previsão do grupo em retomar o espetáculo em 2021, estando o projeto atualmente suspenso devido a atual situação de pandemia.

3. A REDESCOBERTA DA RUA COMO LUGAR DE ENCONTRO

O centro histórico de Cuiabá, assim como grande parte dos centros dos centros urbanos, é caracterizado pelo uso comercial, com grande fluxo de pessoas e veículos no período diurno, quando recebe visitantes de todas as regiões da cidade. Porém, no período noturno, quando as lojas fecham suas portas, o movimento na região cai drasticamente, permanecendo apenas em pontos isolados, com atividades que não são bem-vistas pela população durante o dia. O receio em relação a assaltos e outros crimes violentos pode ser um fator relevante nesse fenômeno.

No entanto, ainda que as atividades do espetáculo *Passeio Noturno* fossem realizadas no período da noite, horário de pouca atividade e baixo fluxo de transeuntes na região, a obra ousava romper a proteção hermética do ônibus e convidava o público a vivenciar a ficção caminhando pelas ruas, passando por locais importantes como o Cemitério da Piedade, a Igreja da Boa Morte e a Praça da República.

Mais do que aproveitar a paisagem urbana, a peça propunha um real mergulho no imaginário local, resgatando lendas, apropriando-se de espaços e monumentos que, naquele horário, possivelmente se encontrariam desertos, considerados, pela população em geral, como inseguros e intransitáveis.



Figura 5. Encenação em frente ao Cemitério da Piedade.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.



Figura 6. Encenação em frente à Catedral Metropolitana de Cuiabá.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.

Nota-se que as estratégias artísticas do espetáculo, por si só, subvertem a lógica de utilização do espaço do centro histórico, tendo em si características como a atração de pessoas para horário incomum, a condução de transeuntes para a ocupação das ruas frequentemente dominadas pelos automóveis, o resgate a ideia de coletividade e segurança mesmo em ambientes supostamente hostis.



Figura 7. Encenação no pátio da Igreja N. Sr.^a da Boa Morte.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.



Figura 8. Atores e espectadores circulam pelas ruas do centro antigo.
Fonte: Acervo do Grupo Tibanaré, fotografia por Junior Silgueiro, 2015.

Nesse contexto, o espetáculo, ainda que de forma ficcional, oferece ao seu espectador uma micro vivência alinhada ao conceito de cidade viva defendido por Jacobs (2000). Tem-se aí o que Fontes (2011) conceitua como intervenção temporária, resultando em ganho de amabilidade ao espaço, conforme conceitos apresentados abaixo.

[...] a intervenção temporária é a que se move no âmbito do transitório, do pequeno, das relações sociais, que envolve a participação, ação, interação e subversão, e é motivada por situações existentes e particulares, em contraposição ao projeto estandardizado, caro, permanente e de grande escala. (FONTES, 2011, p. 30)

Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a “proximidade” e a “abertura”, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-la: a amabilidade urbana. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas. (FONTES, 2011, p. 12)

Jarzem (2021) comenta que, no horário em que o espetáculo era apresentado, os moradores sentiam maior liberdade de caminhar no centro histórico, porque sabiam que aqueles pontos estavam seguros. Ele observa, ainda, os efeitos percebidos sobre a visibilidade para a população que habita a região central, assim como ganhos na relação entre os diferentes moradores, convencionais e não convencionais, conforme trecho a seguir.

A gente sentia que eles [moradores convencionais] enxergavam os moradores de rua e sabiam que os moradores de rua não eram um perigo, né? Não eram aqueles os marginais que passavam por ali para assaltar no centro histórico. [...] e a gente foi percebendo isso e os moradores foram percebendo junto com a gente e eles foram comentando sobre isso. [...] estavam perdendo o medo de caminhar no centro histórico e quando encontravam um morador de rua não tinham receio, porque sabiam que esse morador de rua ele está ali presente constantemente, ele não é um assaltante. [...] E era incrível isso e eles falavam que isso só consegui entender porque eles deram de encontro com o espetáculo, eles assistiam o espetáculo, eles viam que os moradores de rua tinham uma relação com a gente.

Jarzem (2021) postula, a partir dos diálogos com policiais militares que atuavam na região, que foi percebida redução efetiva nos registros de violência nos locais percorridos pelo espetáculo, conforme comenta no trecho a seguir.

E uma outra coisa que a gente ouviu dos policiais foi que, quando acontecia o espetáculo, o ponto onde que transitava o ônibus e também aonde os atores, junto com o povo, transitava a pé, não acontecia nada de violência. E ao redor eles falavam que aconteciam ainda os assaltos, as tentativas de estupro [...]. (JARCEM, 2021, vídeo 08).

Essas interações com o espaço público, através de manifestações artísticas como o *Passeio Noturno*, possuem capacidade de criar entrosamento do público com o espaço, resultando ainda em questionamentos sobre o cotidiano, sendo uma conjuntura propícia para centelhas de mudança efetiva, como uma espécie de acupuntura urbana, condizente ao que conceitua Lerner (2005):

Nem sempre acupuntura urbana se traduz em obras. Em alguns casos, é a introdução de um novo costume, um novo hábito, que cria condições positivas para a transformação. Muitas vezes uma intervenção humana, sem

planejamento ou sem a realização de uma obra material, acaba se tornando uma acupuntura. (LERNER, 2005, p. 11).

Mesmo que com ações temporárias, por meio do espetáculo, o *grupo de teatro Tibanaré* traz reflexões à tona sobre a urbe, oferecendo novos sentidos e funções para os espaços públicos em que transita e levando o público a reconhecer o espaço histórico da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES

Percebe-se, assim, que, para além das motivações e resultados artísticos da obra, o espetáculo *Passeio Noturno* do *grupo Tibanaré* alcança reverberações também no campo do pensar sobre a cidade e o urbano, propiciando experiências e provocando reflexões. Não obstante, sabendo que o espaço público tem sido pensado por homens e para homens há muito tempo, é possível percebermos também como esse tipo de intervenção aproxima as mulheres dos ambientes urbanos, que frequentemente são restritos a elas, seja pelos riscos atribuídos ao horário ou à localização.

A presente pesquisa não pretende aqui definir padrões ou regras sobre o fazer artístico, nem mesmo criar amarras avessas a espontaneidade dessas criações, mas, sem dúvida, lança um olhar sobre modos de fazer que extrapolam a si mesmos, promovem afetos entre diferentes pessoas, nos reconecta ao nosso território e que nos faz imaginar que é possível, realmente, construir novos conceitos de cidade e, por conseguinte, uma miríade de usos da urbanidade.

REFERÊNCIAS

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. 2009. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2011.

GANDES, Fernanda. **Sobre Passeio Noturno**. Grupo Tibanaré, 2018. Disponível em <https://youtu.be/xnUA_wvOFK0>. Acesso em 02 Maio 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JARCEM, Jefferson. Entrevista. Entrevistadores: Airton de Lacerda Nascimento; Naiane Silva Gonçalves. Cuiabá – MT. 10 vídeos. Entrevista concedida à pesquisa *Relações entre arte e cidade a partir do espetáculo passeio noturno*, do *Grupo de Teatro Tibanaré*. Jun., 2021.

KAYE, Nick. *Site-specific Art – Performance, Place and Documentation*. Londres: Routledge, 2000. In: GERVILLA, Lucas Rossi. *Site-specific: trabalhos direcionados para um lugar predeterminado*. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, N.º 38 (2020): Artes Performativas e Imagem em Movimento. Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), 2020. Disponível em <<http://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/112>>. Acesso em 02 Maio 2021.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana** (3ª ed.). Rio de Janeiro: Record, 2005
MARICATO, Ermínia. **Melancolia na Desigualdade Urbana. Observatório das Metrópoles**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, 2017. Disponível em <<https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/melancolia-na-desigualdade-urbana-erminia-maricato/>>. Acesso em 06 Maio 2021.

MENDES, Eloísa Brantes. **Cidades Instáveis: intervenção artística como experiência heterotópica do espaço urbano**. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO, 2012. Disponível em <<https://docero.com.br/doc/1x1cx>>. Acesso em 02 Maio 2021.

SANTANA, Benedito Cardoso de. **Um olhar sobre as intervenções na urbe**. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais, Bahia, 2009. Disponível em <http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/benedito_c_de_santana.pdf>. Acesso em 02 Maio 2021.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público. As tiranias da intimidade**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.